

## A função interpessoal e o posicionamento dialógico de tradutores em traduções de *picture books*

### The interpersonal function and the translators' dialogic positioning in translations of picture books

Célia M. Magalhães\*  
Andrea A. Leitão\*\*  
Daniela S. A. Fernandes\*\*\*

---

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é estudar as *shifts* de tradução que representam o posicionamento dialógico de tradutores em relação a valores expressos nos textos e sua interação com leitores prospectivos desses textos. O tema é aqui abordado com base em uma interface das teorias e métodos usados por Rosa (2009) e Munday (2012, 2015) para investigar o papel da função interpessoal na interação tradutor-leitor e na intervenção tradutória, respectivamente. Estudam-se *shifts* na estrutura comunicativa da narrativa, incluindo aquelas relativas à apresentação da fala de personagens, e no uso de recursos de avaliação em *picture books* traduzidos do inglês para o português brasileiro. Em última instância, busca-se identificar o posicionamento dialógico dos tradutores em relação aos valores expressos por recursos avaliativos nestes textos e na construção de uma comunidade de leitores que partilham desses valores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Função interpessoal e tradução. Posicionamento dialógico. Avaliação. Apresentação da fala. *Picture books*.

---

**ABSTRACT:** This paper aims at studying shifts in translations which represent the translators' dialogic positioning towards values expressed in texts as well as their interaction with a putative readership. This topic is discussed based on an interface of theories and methods used in Rosa (2009) and Munday (2012, 2015) in order to investigate the role of the interpersonal function in translator-reader interaction and translator's intervention, respectively. Shifts in the communicative structure of narrative are studied with a focus on the ones involving characters' speech presentation and the ones involving the use of evaluation resources in translations of picture books from English into Brazilian Portuguese. The paper ultimately aims at identifying the translators' dialogic positioning towards the values expressed in these texts through the use of evaluative resources and the construction of a community of shared values amongst their readers.

**KEYWORDS:** The interpersonal function in translation. Dialogic positioning. Evaluation. Speech presentation. Picture books.

---

---

\* Professora Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Atua na linha de Estudos da Tradução do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e no Curso de Bacharelado em Letras- Inglês, com ênfase em Tradução. E-mail: [cmagalhaes@ufmg.br](mailto:cmagalhaes@ufmg.br).

\*\* Licenciada em Letras-Inglês pela Faculdade de Letras de Universidade Federal de Minas, foi bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [andrea\\_bh02@hotmail.com](mailto:andrea_bh02@hotmail.com).

\*\*\* Bacharelanda em Letras-Inglês com ênfase em Tradução, foi bolsista do Programa de Iniciação Científica (PROBIC) da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [daniela.sf.assis@gmail.com](mailto:daniela.sf.assis@gmail.com).

## 1. Introdução

Este artigo tem como tema o posicionamento do tradutor e a interação tradutor-leitor no texto traduzido (TT). Mais especificamente, o enfoque é o papel da função interpessoal no posicionamento de tradutores brasileiros de *picture books* (textos ilustrados) da literatura infantil. Entende-se que tal posicionamento ativa a construção de leitores prospectivos para os *picture books* traduzidos, já que os tradutores alinham-se com determinados valores e ideias expressos nos textos e, dessa forma, pressupõem respostas particulares de determinada comunidade de leitores. Estudos sobre a interação tradutor-leitor têm sido realizados nos Estudos da Tradução por Rosa (2009), dos estudos descritivos da tradução (TOURY, 1995). A teórica portuguesa usa teorias narrativas (CHATMAN, 1980) e de tradução literária (SCHIAVI, 1996), para examinar a estrutura comunicativa da narrativa e a apresentação da fala – AF (LEECH; SHORT, 2007), e a teoria da avaliatividade – TA (MARTIN; WHITE, 2005), para analisar a conspicuidade do tradutor por meio dos diferentes recursos de atitude usados por ele e do seu controle e poder sobre leitores implícitos de textos literários traduzidos para o português europeu. Já o estudo da função interpessoal nos TTs, relacionada com a intervenção tradutória, tem sido realizado por Munday (2012, 2015), da análise do discurso e tradução. O autor britânico lança mão da TA para investigar os recursos de avaliação usados nas traduções para diversas línguas de textos literários e políticos e o posicionamento dos tradutores em relação aos valores expressos nos textos e sua construção antecipada de leitores que compartilham esses valores.

O objetivo do artigo é estudar as *shifts* de tradução que representam o posicionamento do tradutor e a interação tradutor-leitor em textos ainda não estudados nessa perspectiva. Mais especificamente, propõe-se uma integração dos métodos usados por Rosa (2009) e Munday (2012, 2015) para expandir-se a investigação de *shifts* relacionadas ao tema focado nos TTs. Estudam-se *shifts* na estrutura comunicativa da narrativa e no uso de recursos de avaliação em traduções de *picture books* traduzidos do inglês para o português brasileiro. Através dessas *shifts*, estuda-se, ainda, a interação tradutor-leitor, com enfoque em um provável posicionamento do primeiro em relação aos valores expressos nos textos e na construção de uma comunidade de leitores dos TTs que partilham desses valores. O *corpus* utilizado integra o *corpus* a ser informado posteriormente, descrito em Magalhães (2014) e disponível em [www.portalminas.lettras.ufmg.br](http://www.portalminas.lettras.ufmg.br). O trabalho busca responder as seguintes perguntas de pesquisa: 1) quais *shifts* de tradução ocorrem na estrutura comunicativa dos TTs de acordo com

proporção de sentenças dialogais e não dialogais e os modos de AF?; 2) quais *shifts* de tradução ocorrem relativas ao uso dos recursos de atitude, levando-se em conta ocorrências de avaliação inscrita ou evocada, positiva ou negativa de atitude?; 3) quais *shifts* ocorrem relativas aos recursos de engajamento e gradação e 4) qual a relação das *shifts* encontradas com um posicionamento do tradutor que antecipa um público-alvo alinhado com esse posicionamento?

O artigo está organizado em 5 seções, além das referências bibliográficas: introdução; referencial teórico; metodologia; resultados e discussão, conclusões e sugestões para pesquisas futuras.

## 2. Referencial teórico

Rosa (2009) e Munday (2012, 2015), de abordagens distintas dos Estudos da Tradução, abordam o papel da função interpessoal nos textos traduzidos. No caso de Rosa (2009), essa função é vista por duas perspectivas. A primeira é a da interação tradutor-leitor, por meio da presença ou voz do tradutor na estrutura comunicativa da narrativa dos textos literários traduzidos, seja pelo uso do narrador em primeira pessoa, seja pelo uso de diferentes modos de AF. A segunda é a da interação tradutor-leitor através do uso de recursos avaliativos de atitude positiva ou negativa, inscrita ou evocada. No caso de Munday (ibid.), que estuda textos políticos além de ficcionais, a função interpessoal é abordada através da intervenção tradutória e da perspectiva dialógica do tradutor, expressas em uma gama mais ampla de recursos avaliativos e em mais níveis de delicadeza.

Para um detalhamento dessas perspectivas, esta seção está dividida em duas subseções. A primeira faz uma revisão de trabalhos dessas duas abordagens e a segunda das teorias de base nelas usadas, a AF (LEECH; SHORT, 2007) e a TA (MARTIN; WHITE, 2005).

### 2.1 A função interpessoal nas abordagens dos Estudos da Tradução

Schiavi (1996), da tradução literária, propõe novas entidades para a estrutura comunicativa da narrativa<sup>1</sup> para dar conta dos textos traduzidos. O tradutor, como o leitor real do texto-fonte (TF) faz parte do público-alvo do TF e compartilha as pressuposições atribuídas pelo autor implícito do TF ao seu leitor implícito. Entretanto, o tradutor é o escritor do texto traduzido (TT) que tem um público-alvo distinto do público-alvo do TF. Assim, o tradutor,

---

<sup>1</sup> Cf. CHATMAN, 1980.

leitor real do TF, é o tradutor real do novo texto. Ele existe também como um construto teórico da narrativa, o tradutor implícito, ao lado da entidade do texto a quem é atribuída a sua voz (também um construto teórico da narrativa), o narrador do TT. O diagrama de Schiavi retoma aquele proposto por Chatman (1980) e é apresentado como estrutura sintagmática. Em sequência linear, depois do narrador da tradução, está a próxima entidade narrativa, o narratário do TT, que pode ser construído a partir do leitor implícito deste texto. O leitor implícito da tradução corresponde às pressuposições do tradutor sobre o leitor real da tradução. A estrutura comunicativa da narrativa do TT de Schiavi (1996, p. 14) é apresentada na Figura 1 a seguir:

Figura 1- Estrutura comunicativa da narrativa.



Fonte: Schiavi (1996, p. 14), adaptado e traduzido pelo GRANT<sup>2</sup>.

Rosa (2009) também considera o texto literário traduzido como uma transação comunicativa, organizando os participantes da narrativa traduzida em pares como “remetente/destinatário” em níveis narrativos e enunciativos diferentes. Em lugar da estrutura sintagmática apresentada em Schiavi (1996), a autora adota um modelo hierárquico de níveis diferentes, narrativos e enunciativos, considerando o texto literário traduzido, em termos pragmáticos, como uma hierarquia de vozes orquestradas pelo tradutor, o remetente do TT. O tradutor implícito seria também um construto teórico intratextual relacionado a decisões tradutórias de manutenção ou *shifts* do perfil e relações de todos os participantes nos níveis subordinados. Rosa (2009) defende que o poder real dos remetentes nos níveis superiores pode estar expresso explicitamente ou camuflado e isso só pode ser descrito por meio de uma análise linguística dos padrões de traços narrativos.

A proposta de análise de Rosa (2009) para identificação das vozes narrativas nos vários níveis no TF e no TT usa uma amostra de quinhentas sentenças de cada texto de um *corpus* compilado com traduções de um mesmo TF para os públicos adulto e infanto-infantil, anotado manualmente e com análise semiautomática. Tal análise é desenvolvida em duas fases, uma para investigação da conspicuidade do tradutor na narrativa e a outra para a identificação da recursos avaliativos de atitude. Na primeira fase, a investigação contabiliza a proporção de

<sup>2</sup> Grupo de Análise Textual e Tradução, registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

orações em que o narrador visivelmente reporta ou não os diálogos; na segunda, classificam-se e contabilizam-se os tipos os recursos de atitude.

Na primeira fase, os resultados encontrados nas traduções para o público infanto-infantil, presumivelmente mais próximo do público-alvo enfoque deste artigo, o infantil, mostram que a estrutura comunicativa dos textos traduzidos foi alterada, com aumento do número de sentenças não dialogais e diminuição dos modos de fala direta e fala direta livre. Na segunda fase, são identificados os recursos de atitude da TA, especialmente aqueles usados para avaliar os personagens cuja fala é reportada. Verifica-se se há avaliação positiva ou negativa, testando-se, assim, o posicionamento diferente do tradutor na interação com seus leitores; verifica-se, ainda, se a avaliação evocada nos TFs passa a ser inscrita nos TTs, dessa forma, identificando-se se há mais ou menos controle do tradutor sobre a interpretação de seus leitores. Os resultados encontrados mostram uma diminuição da média da porcentagem de recursos de atitude e uma diminuição global, tanto de avaliações evocadas quanto de avaliações negativas.

Barcellos (2011), baseada na abordagem de estilo da tradução, investiga *shifts* no uso de modos de AF em duas traduções de tradutores brasileiros distintos de um mesmo romance em língua inglesa, publicadas em épocas distintas e direcionadas ao público adulto. Entre os resultados encontrados, a fala direta foi a norma confirmada; entretanto, os tradutores operaram de modo a aumentar moderadamente o controle do narrador no texto (p. 92-96), introduzindo trechos de relato narrativo de atos de fala e de fala indireta em contraposição a uma diminuição de trechos de fala direta livre no TF.

Munday (2012, 2015) baseia-se na TA como sistema semântico-discursivo produtivo para analisar recursos linguísticos de realização da função interpessoal nos TTs, os quais constituiriam sinais da intervenção dos tradutores em relação a valores expressos nos TFs. Munday (2012, p. 41) também se refere ao seu interesse nas *shifts* dos TTs que mais revelam o posicionamento do tradutor, pontos críticos que “geram potencial mais interpretativo e de expressão de valores”<sup>3</sup>. O autor introduz a análise baseada na TA para mostrar seu potencial para lidar com esses pontos “críticos” ou “*value-rich*” (ricos em valor) (Ibid.) dos TFs a serem interpretados e ajustados nos TTs por seus escritores. Munday (2012) utiliza uma adaptação do sistema da avaliatividade para descrição da avaliação em tradução e um *corpus* que integra

---

<sup>3</sup> No original: “[...] generate the most interpretative and evaluative potential [...]”.

principalmente traduções de textos ficcionais e traduções/interpretações de textos políticos em pares de línguas europeias distintas.

Os resultados de Munday (2012) mostram que, de forma global, as ocorrências de avaliações de atitude são mantidas, com poucas omissões. Munday (2012) destaca, ainda, que estudos da forma de realização inscrita ou evocada e da polaridade da atitude devem ser aprofundados. O autor encontrou *shifts* de atitude evocada para inscrita e de polaridade, especialmente em casos de epítetos avaliativos ambíguos. Sugere, ademais, que estudos sobre a intensificação dos recursos avaliativos de atitude devem ser aprofundados em trabalhos futuros. Finalmente, Munday (2015) encontra *shifts* de engajamento indicadoras de uma provável expansão dialógica, com um menor investimento dos tradutores e intérpretes em posicionamentos relativos a valores expressos nos textos.

## 2.2 Teorias de base: a AF e a TA

O modelo de Leech e Short (2007 [1981]), usado por Rosa (2009) para classificar os tipos de apresentação dos diálogos na ficção traduzida, foi a primeira proposta de divisão e análise sistemática entre fala e pensamento em narrativas da língua inglesa. Esse modelo propôs categorias de classificação para diferentes instâncias de apresentação da fala e pensamento nessas narrativas, não apenas reconhecendo o caráter distinto desses modos de apresentação, como também reconhecendo a existência de um contínuo entre dois extremos dos referidos modos de apresentação. As categorias de análise da fala, enfoque deste artigo, são entendidas como variações de um contínuo, similar à variação de cores no espectro solar. As categorias de AF propostas por Leech e Short (2007) representam uma variação entre o total controle do narrador e a (aparente) ausência desse controle. Os resultados obtidos pelos autores mostram como norma da AF nos textos investigados a fala direta, de acordo com sua frequência de ocorrência. Uma breve definição das categorias é apresentada a seguir:

- Fala direta (FD) – o narrador apresenta falas de personagens usando citação;
- Fala indireta (FI) – o narrador apresenta falas dos personagens indiretamente, sem citação;
- Fala direta livre (FDL) – falas dos personagens são apresentadas de maneira livre, sem aparente apresentação pelo narrador;
- Fala indireta livre (FIL) – o narrador reporta falas de personagens sem usar a oração introdutória da narrativa;
- Relato narrativo dos atos de fala (RNAF) – o narrador apresenta um relato mínimo de falas de personagens.

A TA, conforme proposta por Martin e White (2005), tem a linguística sistêmico-funcional – LSF (HALLIDAY, 1994), na área mais geral da semiótica social, como base. A proposta da TA como sistema da função interpessoal no estrato semântico-discursivo foi elaborada com base na análise dos recursos lexicogramaticais de textos em língua inglesa. Para o português brasileiro, há a contribuição inicial de Vian Jr et al. (2010), com uma revisão da teoria e sua aplicação na análise de diversos tipos textuais, e Praxedes Filho e Magalhães (2015), entre outros, com a descrição de um *corpus* de audiodescrições com base na TA.

De acordo com Praxedes Filho e Magalhães (2015) a LSF é uma teoria funcionalista que vai além do único tipo de significado considerado na semântica formalista – o significado representacional ou ideacional em termos sistêmicos – e considera dois outros tipos, o interpessoal e o textual. Para a TA, a função interpessoal permite aos indivíduos, além de trocar informações e bens e serviços com outros (negociação interpessoal), construir, em geral, sua identidade enquanto expressam suas avaliações/interpretações, sem estarem isentos de projetar identidades prováveis no interlocutor. O objetivo é a construção, ou não, de solidariedade entre escritor e uma comunidade de valores compartilhados, os leitores. Os significados avaliativos interpessoais são realizados pela lexicogramática da modalidade e outros recursos lexicogramaticais de avaliatividade.

Praxedes Filho e Magalhães (2015) explicam que uma rede de sistemas é composta por um conjunto de sistemas inter-relacionados. Um sistema, por sua vez, é um conjunto de termos mutuamente excludentes ou simultâneos dentre os quais o falante/escritor faz escolhas. Cada rede de sistemas tem uma condição de entrada inicial que estabelece seu ambiente/escopo, a qual, para a rede de sistemas de avaliatividade, é ‘avaliatividade’. Essa condição possibilita a entrada no sistema de primeiro nível de delicadeza, chamado TIPO DE AVALIATIVIDADE, cujos termos são ‘atitude’ e/ou ‘engajamento’ e/ou ‘gradação’. Os autores citados explicam que o sistema de avaliatividade tem até seis níveis de delicadeza. Entretanto, apenas os sistemas e termos até o primeiro e segundo níveis foram usados nesta pesquisa, seguindo Munday (2012, 2015), e serão descritos a seguir, com base em Praxedes Filho e um dos autores (2015).

O sistema do primeiro nível de delicadeza é denominado TIPOS DE AVALIATIVIDADE. Os sistemas do segundo nível de delicadeza são as opções de cada tipo de avaliatividade. No primeiro nível de delicadeza, os termos/escolhas do sistema TIPOS DE AVALIATIVIDADE cobrem os significados interpessoais de “atitude”, “engajamento” e “gradação”. A “atitude” é a área de significados através dos quais o falante/escritor avalia

positiva ou negativamente seus sentimentos e os dos outros. O “engajamento” é área de significados através dos quais o falante/escritor avalia seus próprios posicionamentos assumidos no texto e os posicionamentos de outros no amplo universo da intertextualidade, construindo-se identitariamente, projetando uma dada identidade para seu interlocutor e estabelecendo, ou não, um elo de solidariedade com ele. Finalmente, a “gradação” é área de significados através dos quais o falante/escritor avalia por meio da amplificação ou redução do grau das avaliações atitudinais e das avaliações sobre os posicionamentos intra e intersubjetivos de engajamento (PRAXEDES FILHO, MAGALHÃES, 2015).

Os recursos linguísticos avaliativos são constituídos, em sua maioria, por epítetos (adjetivos) avaliativos, mas também por outras palavras ou grupos de palavras da lexicogramática da transitividade, como verbos que realizam processos, substantivos que realizam entes, advérbios que realizam circunstâncias e conjunções que realizam a subfunção lógica da função ideacional. Além de avaliações atitudinais inscritas, aquelas que são explicitamente realizadas via léxico avaliativo, há também avaliações atitudinais implícitas, aquelas que são evocadas via metáforas lexicais, ou via gradação de significados não atitudinais ou, ainda, via significados ideacionais com implicações culturais específicas. No contínuo da polaridade, a avaliação pode ser positiva, ambígua ou negativa, o que é definido por seu significado conotativo ou prosódia semântica no cotexto (horizonte no texto) de sua ocorrência (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015).

Neste artigo, adotou-se um aprofundamento da análise da avaliação de Rosa (2009) com as categorias do primeiro e segundo níveis do sistema utilizadas em Munday (2012, 2015), as categorias do primeiro nível descritas acima e as categorias do segundo nível descritas sucintamente na metodologia. Verificaram-se as ocorrências de recursos avaliativos desses níveis nos textos, e as ocorrências de atitude positivas, ambíguas ou negativas e inscritas ou evocadas.

### 3. Metodologia

O *corpus* de estudo é paralelo bilíngue e foi composto por dezoito *picture books*, sendo nove originalmente escritos em inglês e nove suas respectivas traduções para o português brasileiro. Este *subcorpus* do ESTRA foi selecionado por se tratar de textos direcionados ao público infantil, não explorados por Rosa (2009) ou Munday (2012, 2015). Os textos são

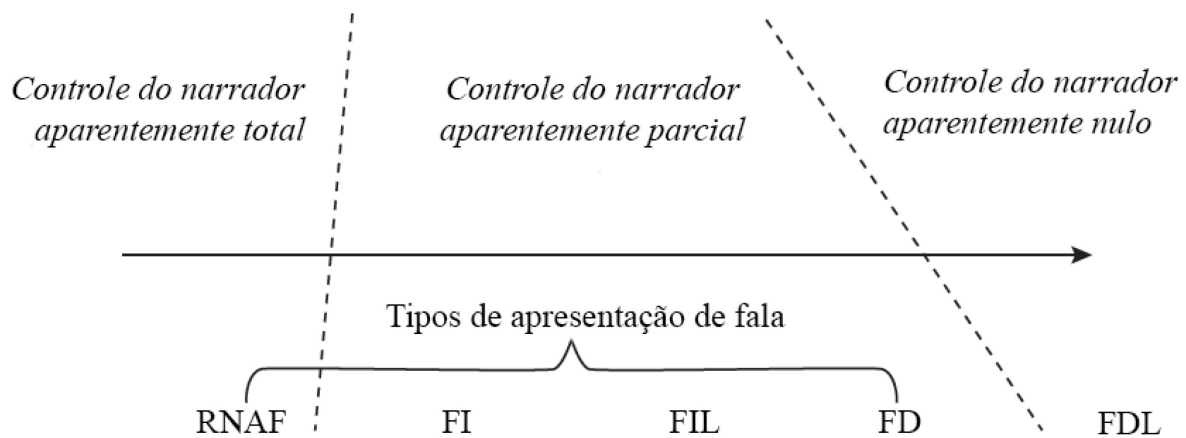


intermodais, sendo a narrativa representada pelas linguagens visual e verbal. Neste estudo, enfocou-se a linguagem verbal.

Para a análise, a exemplo de Rosa (2009), foram contabilizadas as sentenças do *corpus* em inglês e as correspondentes do *corpus* traduzido para o português, ambos *corpora* de pequenas dimensões. As sentenças do primeiro, 429 no total, e as sentenças do segundo, 427 no total, foram analisadas semiautomaticamente, classificando-se as categorias da AF e da TA com base em anotações já oferecidas através do *software* UAM CorpusTool, versão 3.3f (O'DONNELL, 2016), como é o caso das categorias da TA, ou em anotações de outras categorias que este software permite, como é o caso das categorias de AF. A contabilização dos dados foi realizada com o auxílio do *software* Microsoft Excel (2016).

A análise consistiu de duas fases. Na primeira foi analisada a estrutura comunicativa da narrativa segundo Rosa (2009), em três etapas: (i) a identificação nos textos de sentenças (seguindo o critério grafológico) para contabilização dos totais de sentenças (*corpus* e cada texto individual); (ii) a identificação, entre as sentenças, daquelas dialogais e não-dialogais (seguindo o critério da ocorrência ou não de relato de fala pelo narrador) para contabilização dos totais de ocorrências de cada uma (*corpus* e cada texto individual) e (iii) classificação das orações de relato das sentenças dialogais segundo as categorias de AF. Nesta última etapa, o suporte teórico foram as categorias da AF de Leech e Short (2007) e sua proposta do contínuo entre os modos de AF, a qual mostra a variação entre o maior controle (presença) e o menor controle (aparente ausência) do narrador, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 2 - Escala de apresentação da fala.  
Contínuo de interferência no relato de fala



Fonte: Leech e Short ([1981] 2007, p. 260), adaptação e tradução do GRANT.

A segunda fase foi de investigação da avaliação no *corpus*, segundo categorias de recursos avaliativos (MARTIN; WHITE, 2005) investigadas em Rosa (2009) e, de modo mais aprofundado, em Munday (2012, 2015). Foram usadas as categorias de primeiro e segundo níveis, as primeiras descritas na seção anterior e as segundas descritas sucintamente no Quadro 1, a seguir, traduzido e adaptado de Munday (2015).

Quadro 1- Recursos de avaliatividade (adaptado de Martin e White, 2005, p. 38)

Domínio da Avaliatividade	Categoria	Valor	Exemplos de Realizações
Atitude	Afeto	Sentimentos e reações emocionais	Feliz, triste
	Julgamento	Da ética, comportamento, capacidade	Errado, corajoso
	Apreciação	Das coisas, fenômenos e reações	Bonito, autêntico
Engajamento	<u>Monoglossia</u>	Voz única	Assertiva categórica
	<u>Heteroglossia</u>	Contrair Expandir	Mostra, certamente Argumenta, quase, possivelmente
Gradação	Força	Aumentar	Totalmente extinto
		Diminuir	Um pouco preocupados
	Foco	Enfocar	Um verdadeiro campeão
		Desfocar	Um tipo de azul

Fonte: Munday, 2015, p. 408, traduzido pelo GRANT.

Esta fase realizou-se em três etapas. A primeira foi de identificação de recursos de avaliação em cada sentença; o segundo foi de identificação das unidades da sentença que realizavam avaliação segundo as categorias do primeiro e segundo níveis de delicadeza do sistema da AT; o terceiro foi de classificação das realizações de atitude, inscritas ou evocadas e de sua polaridade, positiva, ambígua ou negativa.

#### 4. Resultados

Seguidas as etapas das duas fases da metodologia de pesquisa, os resultados obtidos em cada fase são relatados nas subseções 3.1 e 3.2 a seguir.

##### 4.1 Estrutura comunicativa da narrativa e a AF

Seguindo o critério grafológico, os textos foram segmentados em sentenças. Dessa forma, foi possível contabilizar o total de 856 sentenças no *corpus*, sendo 429 dos TFs e 427 dos TTs para o português brasileiro. Entre as sentenças dos TFs, 50,58% apresentam relato dialogal. Já nos TTs esse número é maior, 57,38%, como mostra a Tabela I.

Tabela 1- Ocorrências de sentenças dialogais/não dialogais no *corpus*.

TFs			TTs		
Tipo de Sentença	Ocorrência	%	Tipo de Sentença	Ocorrência	%
Dialogal	217	50,58	Dialogal	245	57,38
Não-dialogal	212	49,42	Não-dialogal	182	42,62
Total	429	100	Total	427	100

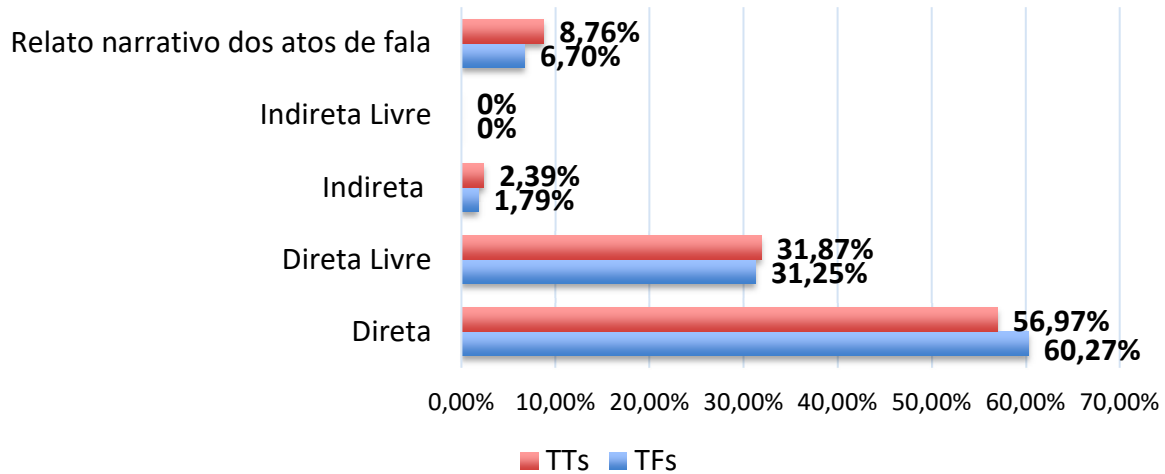
Fonte: as autoras.

O aumento de sentenças dialogais e a redução de sentenças não-dialogais nos TTs mostram uma tendência para a menor visibilidade e controle do narrador da tradução sobre as falas das personagens, segundo o contínuo de AF de Leech e Short (2007), uma vez que o narrador interferiria menos na fala das personagens.

As sentenças em que há a presença de orações dialogais foram classificadas segundo os modos da AF. Foram encontradas 475 ocorrências de modos de AF em todo o *corpus*, tendo sido contabilizados, em alguns casos, mais de um relato nas sentenças dialogais. Na comparação dos TFs com os TTs, os resultados mostram que o número de orações dialogais de FD é superior

nos TFs, enquanto o número de orações classificadas como FDL e RNAF é superior nos TTs, como ilustrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Modos de AF nos TFs e TTs.



Fonte: as autoras.

Os resultados mostram, ainda, que não há ocorrência de FIL no *corpus*. Pode-se hipotetizar que este modo de fala, que dificulta a separação das vozes do narrador e das personagens, não é usado em *picture books* para facilitar a interpretação do público-alvo ao qual se direcionam. Os resultados mostram, também, que há um aumento do RNAF e da FI nos TTs, o que pode explicar parcialmente a redução das ocorrências de FD nesses textos e indicar uma tendência para a visibilidade e controle do narrador da tradução, a qual se opõe à tendência apontada na discussão dos resultados apresentados na Tabela I, aumento do número de sentenças dialogais, e no Gráfico II, aumento de ocorrências de FDL nos TTs. Esse modo de AF, no contínuo de AF de Leech e Short (2007), é aquele em que a presença e controle do narrador estariam, aparentemente, menos visível.

Parte dos resultados encontrados para FDL nos TTs pode ser explicado por casos em que pensamentos de personagens no TF são traduzidos como FDL nos TTs. Também há exemplos de omissão nos TTs de orações de relato no TF com ocorrências de FD, o que pode ser mais uma explicação para as diferenças encontradas, como mostra o exemplo A no Quadro 2. Além disso, pode-se explicar o aumento de RNAF nos TTs em casos de acréscimos de sentenças/orações, como mostram os exemplos B e C de *O Natal do Carteiro* e *O carteiro chegou*.

Quadro 2 - Exemplos de *shifts* de AF no *corpus*.

A. TF: <i>The Gruffalo's Child</i> , Donaldson		CLASS	TT: <i>O filho do Grúfalo</i> , Aquino	CLASS
“Not I,” <b>said</b> the snake.		FD	— Eu não, ele está no lago, comendo Grúfalo no prato.	FDL
“He is down by the lake — eating gruffalo cake.”		FD <sup>4</sup>		
B. TF: <i>The Jolly Christmas Postman</i> , Ahlberg		CLASS	TT: <i>O Natal do Carteiro</i> , Brandão	CLASS
The Postman can't think what to say, And sips his ginger beer, ... And eats his pie, <b>And waves bye-bye.</b>		Relato narrativo de ação	E se foi comendo a torta, e acenando rumo à porta, <b>com votos de um bom Natal.</b>	RNAF
C. TF: <i>The Jolly Postman</i> , Ahlberg		CLASS	TT: <i>O carteiro chegou</i> , Brandão	CLASS
So the Witch read the letter With a cackle of glee While the Postman read the paper But left his tea. (It was green!)		Relato narrativo de ação	A Bruxa <b>convida</b> o carteiro para entrar e descansar, ler o jornal da noite, tomar um gole de chá.	RNAF
		Relato narrativo de ação	<b>Aceita</b> o Carteiro o convite, mas deixa seu chá intocado, que sua cor era sinistra e tinha um fedor danado!	RNAF

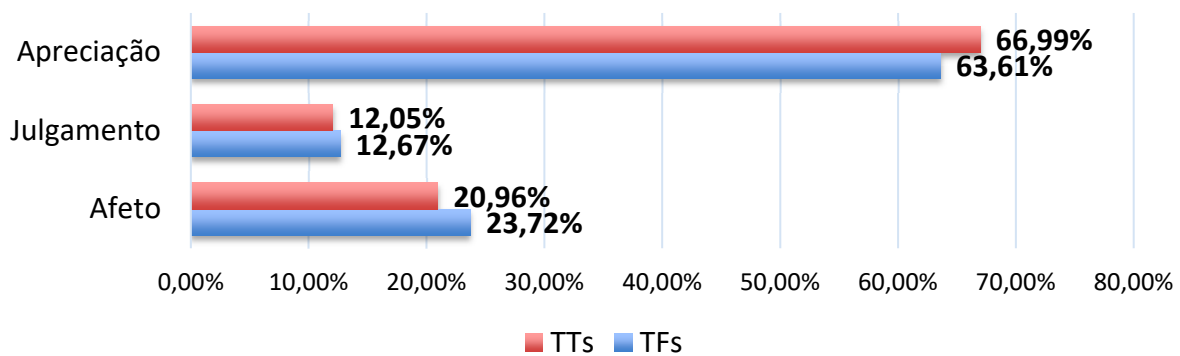
Fonte: as autoras.

#### 4.2. Avaliação, visibilidade e controle do tradutor

Nesta etapa, com o suporte da TA, diferentes unidades das sentenças foram classificadas como recursos de atitude, engajamento e gradação, subsistemas do sistema de avaliatividade. Para o primeiro, o subsistema da atitude, foram identificadas 786 ocorrências. Quando comparados os resultados obtidos nos TFs com aqueles obtidos nos TTs, verifica-se que há mais casos de apreciação nos TTs, enquanto o julgamento e o afeto são preferidos nos TFs. O aumento de recursos de apreciação nos TTs e a redução dos recursos de afeto e julgamento mostram uma preferência nesses textos, distinta daquela encontrada nos TFs, a avaliar mais valores estéticos do que éticos e a expressar menos sentimentos. Essas preferências são ilustradas no Gráfico 2.

<sup>4</sup> Foram consideradas FD sentenças dialogais em relatos descontínuos, em sequência à outra em que há um ponto final depois da oração de relato. Conforme Thompson (1996) essas sentenças, ainda que não tenham o sinal de relato em sua estrutura, estão relacionadas à sentença dialogal e ao sinal de relato anterior.

Gráfico 2 - Tipo de atitude nos TFs e TTs.



Fonte: as autoras.

No exemplo A, apresentado no Quadro 3, verifica-se um dos procedimentos usados pelos tradutores, de omissão de sentenças em que está expressa uma avaliação de atitude no TF. Já em outros casos avaliações são acrescentadas por meio de *shifts* de tradução, como no exemplo B.

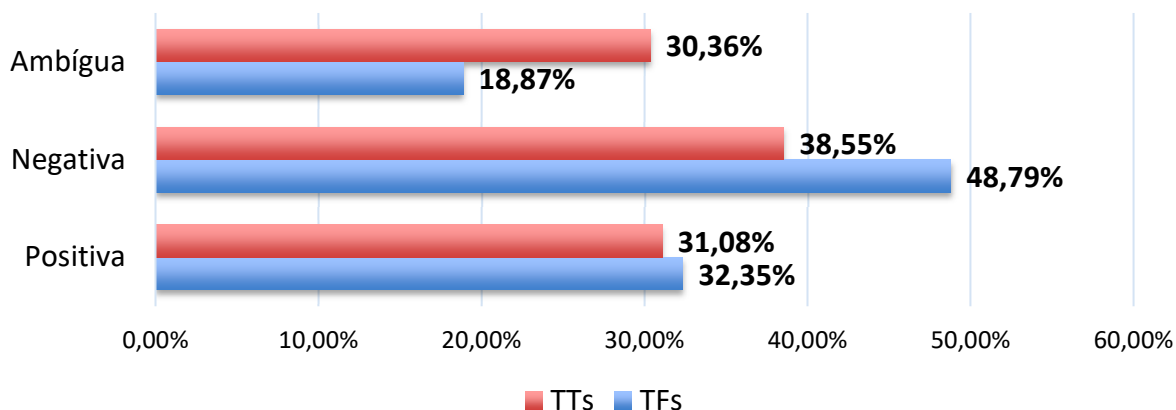
Quadro 3 - Exemplos de *shifts* de avaliação no *corpus*.

A. TF: <i>The Giving Tree</i> , Silverstein	CLASS	TT: <i>A árvore generosa</i> , Sabino	CLASS
"I am too busy to climb trees," said the boy.	Julgamento	"Estou muito ocupado pra subir em Árvores", disse o menino.	Julgamento
"I want a house <b>to keep me warm</b> ," he said.	Afeto		—
"I want a wife and I want children, and so I need a house.	Afeto-apreciação	"Eu quero uma esposa, eu quero ter filhos, pra isso é preciso que eu tenha uma casa.	Afeto-apreciação
B. TF: <i>The Gruffalo</i> , Donaldson	CLASS	TT: <i>O Grifalo</i> , Aquino	CLASS
"Where are you going to, little brown mouse?"	Apreciação/julgamento	— Aonde você vai? — perguntou a raposa, com brandura.	Apreciação/julgamento
Come and have lunch in my underground house."	—	— Venha almoçar comigo, faço um <b>almoço gostoso</b> .	Apreciação/julgamento

Fonte: as autoras.

A polaridade da atitude foi igualmente investigada. No Gráfico 3, verifica-se que a polaridade negativa é superior nos TFs, enquanto a polaridade ambígua é maior nos TTs.

Gráfico 3 - Polaridade da atitude nos TFs e TTs.



Fonte: as autoras.

Esses resultados mostram uma tendência à menor conspicuidade do narrador das traduções, já que este prefere não usar, com a mesma frequência apresentada nos TFs, recursos de atitude positiva ou negativa, optando pela omissão desses recursos (exemplo A) ou pelo acréscimo de recursos de atitude ambígua (exemplo B), como ilustra o Quadro 4.

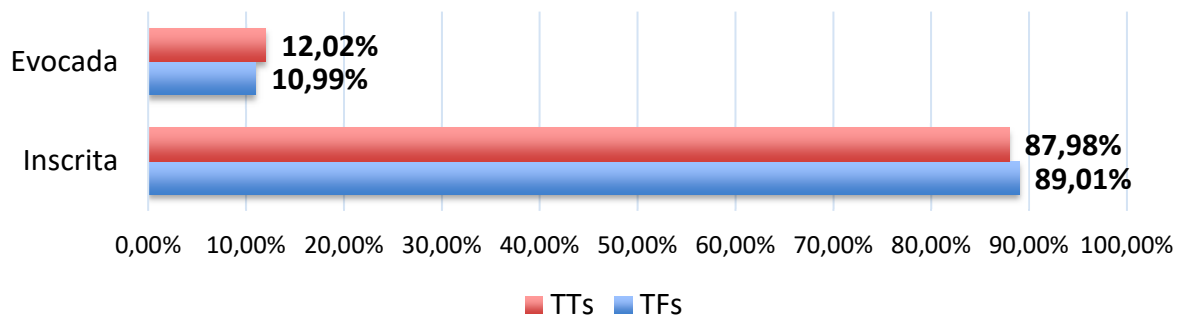
Quadro 4 - Exemplos de *shifts* de polaridade no *corpus*.

A. TF: <i>The Gruffalo</i> , Donaldson	CLASS	TT: <i>O Grúfalo</i> , Aquino	CLASS
“ <b>Silly old</b> Fox!	Negativa, negativa	— Raposa <b>boba!</b>	Negativa
Doesn't he know, There's no such thing as a gruffalo?”	Negativa	Será que não sabe que Grúfalo não existe?	Negativa
B. TF: <i>The Giving Tree</i> , Silverstein	CLASS	TT: <i>A árvore generosa</i> , Sabino	CLASS
He would climb up her trunk and swing from her branches and eat apples.	—	Subia em seu <b>grosso</b> tronco, balançava-se em seus galhos! Comia seus frutos.	Ambígua

Fonte: as autoras.

No contraste dos modos de realização da atitude dos TFs e TTs os resultados são de 1,03% de diferença de ocorrências de realização evocada e inscrita nos textos. Essa diferença é atribuída a maior ocorrência de realização inscrita em TFs e de realização evocada em TTs, como mostra o Gráfico 4 a seguir:

Gráfico 4 - Modos de realização nos TFs e TTs



Fonte: as autoras.

A realização inscrita evidencia a presença do narrador no texto e pressupõe maior controle da interpretação do leitor dos TFs, enquanto a realização evocada apenas sinaliza para essa interferência, além de pressupor mais liberdade de interpretação dos leitores dos TTs, conforme ilustra o exemplo C do Quadro 5. Já o exemplo D do referido Quadro, mostra a ocorrência de omissão de uma avaliação inscrita no TF, o que explica parcialmente a diminuição deste modo de realização nos TTs.

Quadro 5 - Exemplos de *shifts* de realização no *corpus*.

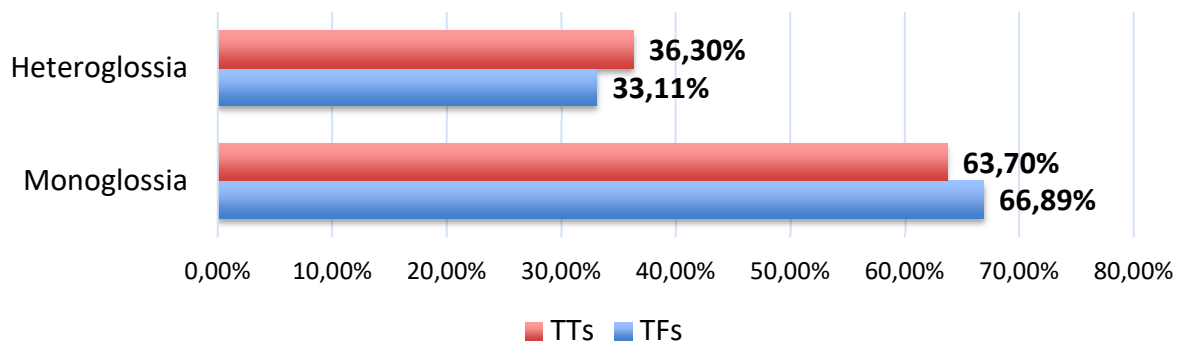
A. TF: <i>The Gruffalo's Child</i> , Donaldson	CLASS	TT: <i>O filho do Grúfalo</i> , Aquino	CLASS
His eyes weren't <b>fiery</b> . His tail wasn't <b>scaly</b> . His whiskers weren't <b>wiry</b> .	Inscrita	A criatura apareceu de olhos <b>esbranquiçados</b> , e em seus bigodes nenhum passarinho pousado.	Evocada
B. TF: <i>Prince Smartypants</i> , Cole	CLASS	TT: <i>Princesa Sabichona</i> , Stahel	CLASS
None of the princes could accomplish the task he was set. They all left <b>in disgrace</b> .	Inscrita	Nenhum dos príncipes conseguiu cumprir a tarefa que lhe coube.	—

Fonte: as autoras.

Na análise do segundo subsistema da avaliatividade, o engajamento, foram identificadas 899 ocorrências em todo o *corpus*. Ao compararmos os TFs e TTs, evidencia-se que os TTs são mais heteroglóssicos, com uma diferença de 3,19% em relação aos TFs o que, de certa forma, reforça o resultado anterior, obtido com o modo de realização da atitude, mais evocado nos TTs e, portanto, sinalizando mais liberdade de interpretação dos leitores. Esses resultados são ilustrados no Gráfico 5.



Gráfico 5 \_ Tipos de engajamento nos TFs e TTs



Fonte: as autoras.

No Quadro 6, a seguir, apresentam-se exemplos de *shifts* em um dos TTs em que trechos são acrescentados, provavelmente em função da rima, um traço característico nos textos do *corpus*, mas não abordado aqui. Esses acréscimos acabam motivando a opção pela heteroglossia.

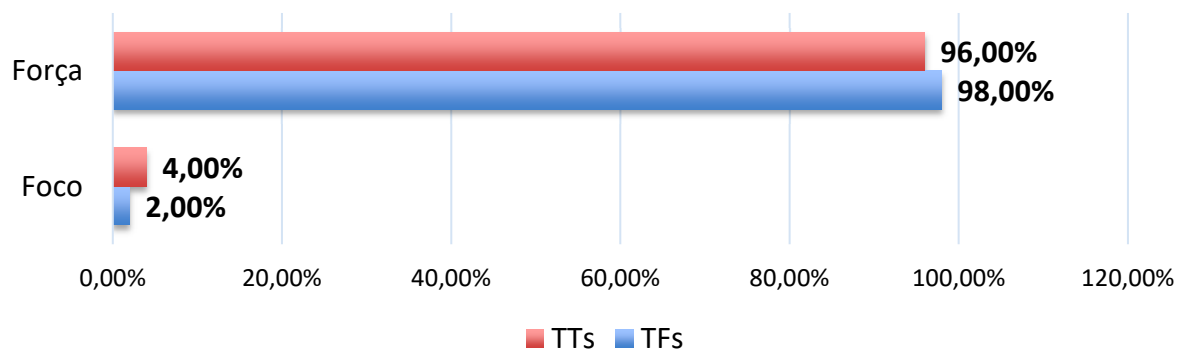
Quadro 6 - Exemplos de *shifts* de engajamento no *corpus*.

TF: <i>The Jolly Christmas Postman</i> , Ahlberg	CLASS	TT: <i>O Natal do Carteiro</i> , Brandão	CLASS
—	—	Em que casas irá, sorrindo, na véspera de Natal?	Heteroglossia
—	—	Se você quiser saber, leia a história até o final.	Heteroglossia
First stop: Four Bears Cottage.	Monoglossia	Primeira parada: Sítio Quatro Ursos.	Monoglossia

Fonte: as autoras.

Os resultados obtidos com a análise da gradação mostram que houve um aumento global das ocorrências de gradação nos TTs, de 40.9% nos TFs para 59.1% nos TTs. Mostram, ainda, que há mais ocorrências de força que de foco nos TFs e em suas respectivas traduções. O Gráfico 6 ilustra esses resultados.

Gráfico 6 - Tipos de gradação nos TFs e TTs.



Fonte: as autoras.

O Gráfico 6 mostra que, ao se comparar os resultados obtidos nos TFs em relação aos TTs, os recursos de força ocorrem menos nestes últimos, 98% nos TFs e 96% nos TTs. Mostram ainda que a porcentagem de recursos de força é inferior à porcentagem de foco nos TFs se comparados aos TTs, 2% contra 4%, respectivamente.

O Quadro 7 ilustra a tendência dos tradutores a aumentar a força das avaliações de julgamento ou usar foco em avaliações de afeto.

Quadro 7 - Exemplos de aumento de gradação de força nos TTs.

A. TF: <i>The Gruffalo</i> , <i>Donaldson</i>	CLASS	TT: <i>O Natal do Carteiro</i> , Brandão	CLASS
A fox saw the <b>mouse</b> and the mouse looked good.	—	A raposa viu o <b>ratinho</b> e o achou apetitoso.	Força
B. TF: <i>Where the wild things are</i> , <i>Sendak</i>	CLASS	TT: <i>Onde vivem os mosntros</i> , <i>Jahn</i>	CLASS
And Max the king of all things was lonely and wanted to be where someone <b>loved him best of all.</b>	+Força	E Max, o rei de todos os mosntros, ficou sozinho com vontade de estar em algum lugar onde alguém <b>gostasse dele de verdade.</b>	-Força + Foco
C. TF: <i>Prince Cinders</i> , Cole	CLASS	TT: <i>Príncipe Cinderelo</i> , Stahel	CLASS
He was <b>small</b> , spotty, scruffy and skinny.	—	Era <b>baixinho</b> , sardento, magricela e andava molambento.	Força

Fonte: as autoras.

## 5. Discussão, conclusões e sugestões para pesquisas futuras

Nesta seção, pretende-se responder às perguntas de pesquisa apresentadas na introdução deste artigo e, ao mesmo tempo, comparar os resultados obtidos àqueles de trabalhos revisados na seção teórica. Em resposta à primeira pergunta de pesquisa, quais *shifts* de tradução ocorrem na estrutura comunicativa dos TTs de acordo com a) proporção de sentenças dialogais e não dialogais e b) modos de AF, os resultados mostram que há menor controle do narrador da tradução sobre as falas das personagens, uma vez que os TTs apresentam maior número de sentenças dialogais. Além disso, com relação aos modos de apresentação da fala, há também um pequeno aumento de ocorrências de FDL nos TTs, o que confirma a afirmativa anterior. Os achados diferem daqueles de Rosa (2009) que mostram uma tendência para o uso de sentenças não dialogais e para o aumento de FD nos TTs. Em contrapartida, os resultados aqui encontrados mostram que há também um aumento de RNAF e de FI nos TTs e estes modos de AF representam um menor controle do narrador da tradução. Estes resultados confirmam parcialmente os achados de Barcellos (2011), ao mostrar que os tradutores introduzem *shifts* de modos de AF, usando RNAF e FI para ocorrências diretas, de menor controle do narrador.

A segunda pergunta está relacionada aos recursos avaliativos de atitude, ou seja indaga quais *shifts* de tradução ocorrem relativas ao uso dos recursos de atitude, levando-se em conta a ocorrência de avaliação implícita ou explícita, positiva ou negativa de atitude. Em resposta a essa pergunta, os resultados mostram que não há grande diferença no número de ocorrências totais de recursos de avaliação de atitude nos TFs e TTs. As *shifts* nos recursos de avaliação mostram uma preferência nos TTs a avaliar mais valores estéticos do que éticos e a expressar menos sentimentos, pois a apreciação é mais frequente, o que os difere dos TFs, em que o julgamento e o afeto são preferidos. Este nível de delicadeza não foi abordado em Rosa (2009) seja para as traduções infanto-juvenis seja para as traduções para o público adulto; também não foi abordado em Munday (2012, 2015), o qual não inclui *picture books* em seu *corpus*.

O contraste entre a realização evocada e inscrita nos TFs e TTs não é expressivo, ainda que a realização inscrita tenha maior ocorrência em TFs e a evocada em TTs. Quanto à polaridade, há menor frequência de recursos de avaliação positiva ou negativa nos TTs em relação aos TFs, optando-se nos primeiros por não usar recursos de avaliação ou pelo acréscimo de avaliações ambíguas. Esses resultados endossam as afirmativas de Munday (2012) sobre a necessidade de se investigar mais detalhadamente *shifts* nos modos de realização da atitude. Sobre esse tema, ressalta-se que os achados desta pesquisa mostram tendência oposta àquela

encontrada em Rosa (2009) e Munday (2012), de uso de *shifts* de avaliação evocada para inscrita. Em relação à polaridade da atitude, os resultados confirmam os resultados de Rosa (2009) no que tange à diminuição de recursos avaliativos negativos. Nos TTs aqui investigados essa diminuição pode ser atribuída à omissão desses recursos ou a escolhas de polaridade ambígua, o que reforça a afirmativa de Munday (2012) sobre a necessidade de aprofundar a investigação do uso da polaridade ambígua em traduções.

A terceira pergunta diz respeito à ocorrência de *shifts* de recursos de engajamento e gradação. Os resultados confirmam parcialmente Munday (2015), mostrando que há uma maior ocorrência de heteroglossia nos TTs, o que reforça a tendência de dar mais espaço para outras vozes, expressas nas falas das personagens, e para a interpretação do leitor. Mostram, ainda, que há mais ocorrências de gradação de foco nos TTs, mais uma vez, confirmando a necessidade apontada em Munday (2012) para uma investigação mais detalhada desses recursos em tradução.

A quarta pergunta indaga a relação das *shifts* encontradas com um posicionamento do tradutor que antecipa um público-alvo alinhado com esse posicionamento. Os tradutores dos *picture books* do *corpus* mostram uma tendência para não explicitar valores de atitude, distanciando-se de avaliações negativas dos valores expressos nos TFs, mas aumentando a intensidade de determinados recursos avaliativos. Em consonância com estes resultados, em relação ao engajamento, os tradutores mostram preferência para dar mais espaço às vozes das personagens e à interpretação do público-alvo. Neste sentido, alinham seus leitores como um público-alvo de leitores infantis que, diferentemente daquele público infanto-juvenil estudado em Rosa (2009), necessita de menor controle para a sua interpretação de textos, seja do narrador na apresentação das falas dos diversos personagens, seja na inscrição de recursos avaliativos. Confirmam, entretanto, a tendência encontrada em Munday (2015) de distanciamento dos tradutores em relação aos valores expressos nos TFs, o qual resulta em textos mais heteroglóssicos.

De modo geral, os resultados mostram que o narrador da tradução interfere na narrativa, seja diminuindo o controle sobre as falas da personagem seja introduzindo esse controle com modos indiretos de AF. Em comparação a Rosa (2009), verifica-se que o presente estudo confirma os achados da autora em relação ao aumento das sentenças dialogais nas traduções, mas não os achados relativos aos modos de AF, pois mostra uma tendência nos TTs a apresentar mais ocorrências de FDL, sinalizando presença e controle aparentemente nulo do narrador. Os

resultados aqui obtidos confirmam a diminuição do número de ocorrências de avaliações negativas nas traduções. Entretanto, o presente estudo mostra que há o aumento da avaliação evocada nos TTs, ainda que em grau pequeno, enquanto Rosa (2009) destaca o aumento da realização inscrita nos TTs.

Os resultados confirmam os resultados de Munday (2012) no que diz respeito ao fato de *shifts* no número de ocorrências de recursos avaliativos de atitude não serem expressivas. Confirmam, ainda, o potencial para a pesquisa, apontado pelo autor, com relação às formas de realização ou gradação da atitude. Com relação aos resultados obtidos por Munday (2015) em relação ao engajamento, o aumento de recursos de heteroglossia nos textos traduzidos aqui examinados mostra que há potencial para aprofundar a investigação do papel dessas mudanças nos textos estudados.

Os resultados distintos, especialmente de Rosa (2009), permitem elaborar uma hipótese a ser investigada: as diferenças de *shifts* encontradas são atribuídas a tipos textuais distintos, com prospecção das demais variáveis da publicação como, normas editoriais, revisão, *commissioning* (negociação da tradução), entre outras. A investigação desta hipótese deve levar em consideração que em Rosa (2009), foram estudados textos não ilustrados da literatura infanto-juvenil traduzidos para um público infanto-juvenil português; em Munday (2012) foram estudados traduções de textos ficcionais para adultos, e traduções/interpretações de textos políticos, principalmente, produzidas em contextos europeus e, finalmente, neste trabalho investigaram-se *picture books* traduzidos para um público infantil brasileiro. A hipótese assim formulada pode ser estudada no futuro no âmbito de uma análise do discurso com base na TA. Por ora, pode-se afirmar que o objetivo do artigo, estudar as *shifts* de tradução que representam a posicionamento do tradutor e o tipo de interação estabelecida entre tradutores e o público-alvo dos *picture books* do *corpus* selecionado, foi atingido.

Pode-se, ainda, afirmar que o estudo abre, ainda, a perspectiva para a investigação da linguagem visual dos *picture books* do *corpus*, aspecto não focado neste artigo. Um estudo da função interpessoal das imagens nesses textos pode explicar tanto o aumento de FDLs quanto o uso distinto de recursos avaliativos na linguagem verbal das traduções, em especial a preferência pelo uso de recursos avaliativos ambíguos. As imagens do TF, reproduzidas nos TTs por questões de copyright, provavelmente constroem significados distintos nesses textos e podem, de um lado, aumentar a probabilidade de apresentação de FDLs e, de outro, restringir, por exemplo, o uso de avaliações inscritas. O artigo mostra, ainda, que a proposta de interface

das teorias de base usadas por Rosa (2009) e Munday (2012, 2015) foi produtiva para este estudo, o qual contribuiu com resultados a respeito da posicionamento do tradutor em relação a valores expressos nos textos e a interação tradutor-leitor, no sentido de alinhamento com leitores que compartilham esses valores. Finalmente, o artigo aborda um tema ainda pouco investigado nos estudos da tradução, o posicionamento de tradutores em relação a valores expressos em traduções, particularmente nos *picture books* estudados, e a forma como esse posicionamento estabelece uma comunidade de leitores que compartilha desses valores.

### Agradecimentos

Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq), projeto PQ 301720/2013-9 e bolsa de iniciação científica; pela Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEMIG), projeto PPMVIII 00059-14 e bolsa de iniciação científica, e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), projeto PACCSS-II 151/2013.

### Referências

- AHLBERG, J. e A. **The Jolly Christmas Postman**. New York: LBkids, 1991.
- \_\_\_\_\_. **The Jolly Postman: or other people's letters**. New York: LBkids, 2001 [1986].
- \_\_\_\_\_. **O carteiro chegou**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O Natal do carteiro**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2009.
- BARCELLOS, C. P. **O estilo de tradutores**: apresentação do discurso no corpus paralelo *Heart of Darkness* (No Coração das Trevas). 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2011.
- CHATMAN, S. **Story and discourse**: narrative structure in fiction and film. Ithaca and London: Cornell University Press, 1978.
- COLE, B. **Prince Cinders**. London: Puffin Books, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Princess Smartypants**. London: Paperstar, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A Princesa Sabichona**. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda., 1998.
- \_\_\_\_\_. **Príncipe Cinderelo**. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda., 2006.

DONALDSON, J. **The Gruffalo**. Ilustrações de Axel Scheffler. Oxford: Macmillan Children's Books, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Grúfalo**. Trad. Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-book, 2002.

\_\_\_\_\_. **The Gruffalo's child**. Ilustrações de Axel Scheffler. Oxford: Macmillan Children's Books, 2004.

\_\_\_\_\_. **O filho do Grúfalo**. Trad. Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-book, 2006.

LEECH, G.; SHORT, M. **Style in Fiction: A Linguistic Introduction to English Fictional Prose**. 2 ed. Harlow: Pearson, 2007 [1981].

HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to functional grammar**. London: Arnold, 1994.

MAGALHÃES, C. M. Estra: um corpus para o estudo do estilo da tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 34, p. 248-271, 2014. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2014v2n34p248>

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation: Appraisal in English**. London; New York: Palgrave; Macmillan, 2005. <https://doi.org/10.1057/9780230511910>

\_\_\_\_\_. **Evaluation in Translation: A study of critical points in translator decision-making**. London and New York: Routledge, 2012.

\_\_\_\_\_. Engagement and graduation resources as markers of translator/interpreter positioning. **Target**, Philadelphia/Amsterdam, v. 27, n. 3, p. 406-421, 2015. <https://doi.org/10.1057/9780230511910>

O'DONNELL, M. **UAM CorpusTool** (Version 3.3f). Disponível em: <http://www.wagsoft.com/CorpusTool/>, 2016.

PRAXEDES FILHO, P. H.; MAGALHÃES, C. M. Audiodescrições de pinturas são neutras? Descrição de um pequeno *corpus* em português via sistema da avaliatividade. In: PONTES, V. O. et al. **A tradução e suas interfaces: múltiplas perspectivas**. Curitiba: Editora CRV, 2015, p. 99-130.

ROSA, A. Narrator profile in translation: Work-in-progress for a semiautomatic analysis of narratorial dialogistic and attitudinal positioning in translated fiction. **Linguistica Antverpiensia**, Antwerp, v. 7, p. 227-248, 2009.

SCHIAVI, G. There's always a teller in a tale. **Target**, Philadelphia; Amsterdam, v. 8, p. 1-21, 1996. <https://doi.org/10.1075/target.8.1.02sch>

SENDAK, M. **Where the wild things are**. London: Harper and Row, 2000 [1963].

\_\_\_\_\_. **In the night kitchen**. New York: Harper Collins Publishers, 1992 [1970].

\_\_\_\_\_. **Na cozinha noturna**. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Cosac Naify, 2009

\_\_\_\_\_. **Onde vivem os monstros**. Trad. Heloisa Jahn e Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SILVERSTEIN, S. **The Giving Tree**. United States: Harper & Row, 1964.

\_\_\_\_\_. **A árvore generosa**. Trad. Fernando Sabino. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

THOMPSON, G. **Collins Cobuild English guides 5: reporting**. London: Harper Publishers Ltd., 1996.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995. <https://doi.org/10.1075/btl.4>

VIAN JR., O.; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D. P. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmicos-funcionais com base no sistema de avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

Artigo recebido em: 09.01.2017

Artigo aprovado em: 08.03.2017